

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

"CÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO PRA MIM": opressões contra as mulheres e a arte como forma de resistência

Andressa Maria Diogo da Silva¹

Marcia Beatriz Rodrigues Gonzaga da Silva²

Rachel Araújo de Matos³

RESUMO

A “questão social” apresenta-se em multifacetadas expressões. As mulheres vivenciam, diretamente, tais expressões como intersecções de gênero, raça/etnia e classe, e, resistem através de várias manifestações artísticas. O presente artigo tem como objetivo analisar as questões que envolvem as mulheres, impactadas pela divisão social e racial do trabalho, pelas mais diversas violências sofridas que incidem diretamente na saúde mental delas, sobretudo no contexto da pandemia de Covid-19 e no governo Bolsonaro. A pesquisa ancorou-se na teoria social crítica, utilizando a abordagem qualitativa-quantitativa, mesclando as discussões trazidas por diversos autores. Concluímos, portanto, que as mulheres – principalmente as negras – enfrentam um cenário repleto de opressões, para tanto se valem de formas de resistência para prevenir e combater as violências.

Palavras-chave: Mulheres 1; Opressões 2. Resistência 3.

ABSTRACT

The "social question" is presented in multifaceted expressions. Women directly experience such expressions as intersections of gender, race/ethnicity and class, and resist through various artistic manifestations. This article aims to analyze the issues involving women, impacted by the social and racial division of labor, by the most diverse violence suffered that directly affects their mental health, especially in the context of the Covid-19 pandemic and the Bolsonaro government. The research was anchored in critical social theory, using the qualitative-quantitative approach, merging the discussions brought

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social da Universidade Estadual do Ceará (MASS/UECE); Bolsista da FUNCAP; Assistente Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); andressa.diogo@aluno.uece.br.

² Mestranda do Programa de Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social da Universidade Estadual do Ceará (MASS/UECE); Bolsista da CAPES; Bacharela em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); marcia.beatriz@aluno.uece.br.

³ Mestranda do Programa de Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social da Universidade Estadual do Ceará (MASS/UECE); Bolsista da CAPES; Assistente Social pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE); Especialista em Saúde Mental Coletiva pela Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE); rachel.araujo@outlook.com.

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



by several authors. We conclude, therefore, that women – especially black women – face a scenario full of oppressions, so they use forms of resistance to prevent and combat violence.

Keywords: Women 1. Oppressions 2. Resistance 3.

1 INTRODUÇÃO

O sistema capitalista tem em seu cerne a “questão social” e ela apresenta as mais variadas expressões. Na cena contemporânea, esse fenômeno se apresenta de forma particular na vida das mulheres, sobretudo por ocuparem os espaços mais precarizados de trabalho e fazerem parte de um trabalho não remunerado, como o doméstico, que não é tido como trabalho, mas como algo natural já destinado ao público feminino. Esse cenário se complexificou na pandemia da COVID-19, em solo do governo Bolsonaro, e trouxe rebatimentos diretos na saúde mental das mulheres e nas violências sentidas por elas. São essas mulheres alvos dessa realidade de violação de direitos e de vida, mas elas resistem constantemente e fazem uso da arte, por exemplo, como esse espaço de resistência.

Dentro desse cenário, Matos e Albuquerque (2023), destacou na sua pesquisa, uma matéria da ONU Mulheres (2020) onde traz que as mulheres enfrentam uma grande sobrecarga adensada na pandemia. Somado a isso, mulheres encontram dificuldades no mundo do trabalho, seja pela intensificação do desemprego, ou subemprego no mundo todo. Enfatiza-se que 740 milhões de mulheres que exercem trabalho na economia informal - com vínculos empregatícios que lhes proporcionam pouca ou nenhuma proteção social - se encontram em grave insegurança financeira. A ONU Mulheres (2020), afirma que são elas que no contexto pandêmico sofreram os maiores impactos da violência doméstica, no cenário de isolamento social.

Perante o exposto, esse trabalho tem como objetivo central analisar as questões que envolvem as mulheres, impactadas pela divisão social e racial do trabalho, pelas mais diversas violências sofridas que incidem diretamente na saúde mental delas, sobretudo no contexto de pandemia da COVID-19 e no governo

PROMOÇÃO



APOIO



Bolsonaro. Diante disso, as mulheres buscam formas de resistir às opressões, uma delas é expressa por meio da arte.

O artigo ora exposto, é fruto das discussões no Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social, especificamente da disciplina de “Serviço Social e ‘questão social’ na contemporaneidade”, espaço onde conseguimos perceber a “questão social” e suas expressões desde a sua gênese até a contemporaneidade, relacionando sempre com o surgimento e desenvolvimento do Serviço Social. É válido destacar que percebemos a total relação dos nossos objetos de pesquisa com a “questão social”, sendo, inclusive, expressões dela.

Desta forma, para uma análise profunda, a pesquisa teve como base a teoria social crítica e se utilizou de abordagem qualitativa-quantitativa, onde fez uso do acervo bibliográfico e documental, buscando autoras/es que discutem acerca do tema.

Para dar conta da complexidade do tema, além de um tópico mais geral, o trabalho conta com três subtópicos. O primeiro versa acerca da “questão social”, divisão sexual e racial do trabalho, e saúde mental das mulheres. O segundo trata da interseccionalidade e violência contra as mulheres. E finalizamos explanando acerca da arte como forma de resistência feminina.

2 “QUESTÃO SOCIAL” NA CONTEMPORANEIDADE E AS FORMAS DE OPRESSÃO CONTRA O GÊNERO FEMININO

Esse tópico do trabalho - composto pelos três subtópicos seguintes - irá tratar da “questão social”⁴ na cena contemporânea e explicar acerca de como esse processo agrupa tanto elementos novos, como arcaicos para produção e reprodução

⁴ Fizemos uso das aspas com o intuito de dar ênfase e se mostrar diferentes às ideias conservadoras que envolvem esse fenômeno fundado na sociedade burguesa, assim como destaca Netto (2001, p.5).



do capital, tal como o patriarcado⁵, machismo⁶ e o racismo⁷. Elementos que se colocam como determinantes para a produção do sofrimento psíquico das mulheres, assim como para as violências sentidas por elas.

É nesse contexto que a divisão sexual e racial do trabalho aparece e traz expressões da “questão social” na vida das mulheres – sobretudo as negras – seja no que se refere à saúde mental em decorrência, inclusive, da precarização do mundo do trabalho feminino, seja nas mais variadas violências sentidas (física, psicológica, moral, sexual e patrimonial), algo que tomou contornos diferentes na pandemia. É válido destacar que “esse processo é denso de conformismos e rebeldias” e é nesse cenário que as mulheres apresentam resistência nos mais diversos espaços, dentre eles, na arte (IAMAMOTO, 2001, p. 9).

2.1 “Questão Social”, divisão sexual e racial do trabalho, e saúde mental das mulheres negras

A “questão social” se refere ao conjunto das expressões das desigualdades sociais concebidas na sociedade capitalista madura, enfrentadas por intermédio do Estado. Se origina no caráter coletivo da produção que em contrapartida, se tem a apropriação privada das riquezas produzidas pela atividade humana - o trabalho -, dos meios necessários para a sua realização, assim como do que é gerado. A “questão social” apresenta, pois, desconformidades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediante relações de gênero, particularidades étnico-raciais e formações regionais (IANNI, 1992 apud IAMAMOTO, 2001, p. 16–17).

⁵ De acordo com Saffioti (2015), o termo patriarcado corresponde ao sistema de dominação-exploração das mulheres pelos homens.

⁶ O machismo é definido como um sistema ideológico de *representações simbólicas*, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher (DRUMONT, 1980, p.81)

⁷ Conforme Almeida (2018, p.38-39) o racismo é uma relação de poder desigual e estrutural, ele é *regra e não exceção*. [...] o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática.

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Assim, a “questão social” mescla aspectos raciais, regionais e culturais, juntamente com os econômicos e políticos. Isto é, o tecido da “questão social” mescla desigualdades e antagonismos de significação estrutural (IANNI, 1989, p. 193). É nesse sentido que a “questão social” apresenta manifestações atuais que têm relação direta com a estrutura da sociedade brasileira, com a sua formação. Não dá para falar em “questão social” na contemporaneidade sem falar em racismo e patriarcado como sistemas estruturais de opressões que se conjugam com o sistema de exploração capitalista.

Nessa direção, quando utilizamos o termo “patriarcado”, necessariamente estamos nos referindo às relações de dominação, opressão e exploração masculinas na apropriação sobre o corpo, a vida e o trabalho das mulheres. Ou seja, o patriarcado nomeia as desigualdades que marcam as relações sociais de sexo em vigor na sociedade (CISNE, 2013, p. 125). E é dentro dessa configuração que podemos situar a divisão sexual do trabalho que se refere “à forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente.” Possui elementos centrais a destinação com prioridade de homens para a esfera produtiva e as mulheres à reprodutiva, e assim, destina para a população masculina ocupações de maior valor social, como por exemplo, cargos políticos. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.599).

É nessa perspectiva, que a divisão sexual e racial do trabalho somado ao acirramento da “questão social”, se expressa e destina às mulheres, sobretudo negras, espaços mais precarizados e com baixos salários, e se mostra em desvantagem se relacionado à população masculina. Nogueira e Passos (2020) destacam que esse marcador determina as ocupações e lugares na sociedade de inúmeras mulheres, tanto pela divisão sociossexual como racial do trabalho. As mulheres não brancas ocupam os espaços de trabalho sub-remunerados, mais precarizados, a exemplo do trabalho doméstico e/ou de cuidado assalariado, expressão de uma sociedade capitalista racista e patriarcal com herança colonial.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Esse cenário ficou bastante explícito na pandemia da COVID-19 e no governo ultraneoliberal, racista, misógeno e machista do presidente Bolsonaro. Um contexto percebido através dos dados contidos no trabalho de Matos e Albuquerque (2023), advindos de uma pesquisa realizada pela Sempreviva Organização Feminina (SOF, 2020), ao mostrar que 58% das mulheres desempregadas são negras, assim como a maioria das entrevistadas. Delas, 41% continuaram no seu trabalho na pandemia, sem perda salarial, mas destacaram trabalhar mais nesse período. É relevante afirmar ainda que no quesito cuidado, 72,4% delas relataram que na pandemia a necessidade de monitoramento ou acompanhamento de outras pessoas da casa, se intensificou.

Por falar em cuidado, Passos (2018, p.43) destaca que “o cuidado é uma necessidade ontológica primária, enquanto o *care* é a sua expressão contemporânea e executada através do trabalho feminino remunerado e não remunerado”. É nesse processo que o capitalismo se utiliza desse trabalho que por muitas vezes não é pago, como o trabalho doméstico, por exemplo, para perpetuar a sua lógica de acumulação do capital.

Ainda em consonância com o supracitado, Cisne (2015, p.132) destaca que:

O incentivo à entrada da mulher no mercado de trabalho vem assim, corresponder às novas exigências advindas das transformações no mundo do trabalho. Além da docilidade e passividade historicamente aproveitadas e difundidas pelo capital, a educação destinada às mulheres com o objetivo de dar conta de várias atividades ao mesmo tempo – por exemplo, cuidar dos filhos, da cozinha e da lavagem de roupas simultaneamente – desenvolve a capacidade da polivalência, facilitando o atendimento a essa nova exigência do mercado de trabalho.

Destacamos que esse cuidado sofre precarização, inclusive, quando remunerado, pois, recebe influência direta da divisão sexual e racial do trabalho e do acirramento da “questão social”, particularmente no cenário pandêmico e do governo Bolsonaro. Esse contexto se coloca como determinante para a produção do sofrimento psíquico das mulheres e traz rebatimentos diretamente na sua saúde mental e, conseqüentemente, na vida.

PROMOÇÃO



APOIO





Nesse sentido, Matos e Albuquerque (2023) deram destaque a um estudo do Instituto Ipsos⁸, onde mostrou que no contexto pandêmico, as mulheres se encontraram com os maiores índices de ansiedade, depressão, exaustão, receio do futuro e ausência da sua autoconfiança. São as mulheres que, também, são desprovidas de tempo para o autocuidado e não possuem suporte das pessoas ao seu redor. Nessa ótica, no contexto brasileiro, os números apontam que no tocante ao transtorno de ansiedade, 33% dos homens sofrem com essa patologia, ao passo que 49% das mulheres lidam com essa realidade. No que se refere à depressão, destina-se 7% desse sofrimento ao público masculino em contraposição aos 14% da população feminina. É válido destacar que esse sofrimento se mostra de forma majoritária em mulheres negras, onde apresentam também as maiores taxas de tentativa de suicídio.

Além dos dados quantitativos apresentados, para analisar as expressões da “questão social” que incidem sobre a vida das mulheres negras - inclusive no que se refere às violências sofridas por elas - é necessário trabalhar na perspectiva da interseccionalidade de gênero, raça/etnia e classe.

2.2 Interseccionalidade e violência contra as mulheres

A interseccionalidade, advém do pensamento Feminista Negro nos anos finais da década de 1980, nomeado por Kimberlé Crenshaw. Seu principal fundamento é a equidade analítica dos mais variados sistemas de opressão, entre tais sistemas estão raça/etnia, gênero, classe, entre outros.

Carla Akotirene (2020), conceitua a interseccionalidade como

uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor focado nos homens negros. (AKOTIRENE, 2020, p. 18)

⁸ Instituto líder global em pesquisas de mercado do mundo.

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Nesse ponto converge o entendimento de Audre Lorde (2019), de que não existe uma hierarquia de opressão, e, portanto, não é possível centralizar um único sistema de dominação. Se apresentam como expressões da “Questão Social”, a intersecção entre os mais variados tipos de opressões vivenciadas pelas mulheres.

De acordo com Cisne (2015, p. 146), “A violência contra a mulher, face mais brutal e explícita do patriarcado, é entendida como toda e qualquer ação que fere a dignidade e a integridade física e/ou psicológica da mulher.” Para ela, todas mulheres viventes em uma sociedade ditada pelas relações patriarcais estão sujeitas a sofrer violências, estando submetidas a diferenciações a depender de raça/etnia, classe de cada mulher.

De acordo com a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (2011), para que se compreenda a violência em questão, é necessário considerar a construção social, política e cultural de masculinidades e feminilidades. Explana também que é necessário a realização de ações culturais, educativas e sociais, assim como a apropriação de categorias como raça/etnia e classe, para que enfrente-se a violência contra as mulheres. Conclui-se que o conceito de violência contra as mulheres é um universo rico de significados, com raízes culturais e históricas, e para seu enfrentamento são necessárias ações em diversos setores, entre eles, educação, saúde e assistência social.

Enfatizamos os dados da violência contra as mulheres no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. No primeiro semestre de 2020, conforme o Painel de Dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, do total de 251.229 casos de violência doméstica e familiar contra as mulheres, aproximadamente 28% dessas foram cometidas contra mulheres negras. Destaca-se a dificuldade de análise dos dados e, posterior criação de políticas públicas direcionadas, visto que ainda somam-se um grande número de violações e denúncias onde as vítimas não têm sua raça/cor declarada.

Nesse cenário de emergência de saúde pública, houveram desmontes nas políticas de prevenção a violência contra as mulheres, e como reflexo de toda a

PROMOÇÃO



APOIO



realidade vivenciada, houve um crescimento dos casos de violência e seus agravamentos, inclusive de feminicídios.

Diante do exposto, é importante destacar as formas de resistências femininas perante as opressões sofridas no cotidiano. As resistências existem apesar e por conta das violências. A arte mostra-se como uma forma de perseverança, suas mais variadas expressões movem mulheres todos os dias, servindo também como modo de denúncia e de aprendizado.

2.3 A arte como forma de resistência feminina

*Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome e explicar meu endereço
Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço
E joga água fervendo se você se aventurar (...)
E quando o samango chegar
Eu mostro o roxo no meu braço
Entrego teu baralho, teu bloco de pule
Teu dado chumbado, ponho água no bule
Passo e ainda ofereço um cafezín
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim(...)*
(Trecho da Música “Maria da Vila Matilde” - Elza Soares)

As expressões da “questão social” apresentadas ao longo do texto, incidem diretamente na vida das mulheres, ficando ainda mais expressivas quando fazemos o recorte de raça/etnia e classe. Diante disso, além de destacarmos as violências que as mulheres enfrentam no cotidiano e os embates da divisão sexual e racial do trabalho, é importante também evidenciar as estratégias de resistência criadas por elas. Uma das vias utilizadas para a prevenção, enfrentamento e denúncia das violências, é por meio da arte, conforme a autora Casoli (2019, p.257) ela “poderá ser empregada na socialização dos sujeitos e produzir efeitos de reconhecimento e pertencimento”.

Desta forma, a pesquisa desenvolvida pela autora Silva (2022), intitulada “A poesia como lugar de fala e resistência feminina”, também enfatiza a arte como uma estratégia de sobrevivência. A autora utiliza a perspectiva da interseccionalidade,

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

para analisar as narrativas de vida de três mulheres negras, moradoras da periferia, que por meio da poesia denunciam as diversas opressões e violências que enfrentam no cotidiano, além de falar sobre seus desejos, vontades, prazeres e amores. Das narrativas apresentadas no referido texto, destacamos como a poesia se torna um lugar de compartilhar as vivências, onde outras mulheres negras se reconhecem em seu conteúdo. Conforme Silva (2022), uma de suas interlocutoras narra que:

sua poesia fala da resistência e trás a vivência das pessoas da periferia, que ao ouvirem a declamação, se identificam e valorizam o que é dito, por saberem da luta. Bem Te Vi fala da importância de levar a poesia para outros locais, mas sempre reforçando que ela precisa estar nas comunidades, que as pessoas da periferia precisam reconhecer as lutas, que não é de uma ou duas pessoas, mas de todas. (SILVA, 2022, p.42).

Diante disso, podemos observar a importância da arte na vida das mulheres negras das periferias. A poesia tem lugar de destaque, pois traz em seu conteúdo as escrevivências de mulheres negras que denunciam as opressões, as questões de gênero, raça/etnia, classe, geração e sexualidade. Conforme Conceição Evaristo (2020), por meio da escrevivência as mulheres negras narram suas próprias histórias, construindo novos caminhos para si e para as outras mulheres que sofrem cotidianamente, onde por vezes são silenciadas de forma violenta e brutal.

Voltando ao início desse subtópico, começamos com a letra da música da Elza Soares, onde ela denuncia a violência contra mulher, falando como agiu diante de tal situação, e que o telefone 180 serve para fazer a denúncia. Vamos imaginar quantas mulheres ouviram essa música, como elas se identificaram com o seu conteúdo, como elas tiveram acesso a informação através da música, a quem devem recorrer e como agir diante de tal situação. A arte é uma forma de comunicação social, seja por meio da música, da dança, do teatro, da poesia e/ou de tantas outras formas artísticas que chegam de maneiras diferentes às pessoas. Pelo conteúdo apresentado, a arte tem também um sentido de resistência, como podemos observar ao longo da história.

3 CONCLUSÃO

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A “questão social”, oriunda da sociedade capitalista, desenvolveu ao longo da formação sócio-histórica, várias expressões dela. Somados a esse desenvolvimento, estão atrelados questões estruturais da sociedade, como o patriarcado, o machismo e o racismo, que incidem de maneira profunda nas questões econômicas, políticas, sociais e culturais.

Diante disso, quando analisamos as relações de gênero, percebemos que as mulheres são as mais atingidas pelas expressões da “questão social”, principalmente as mulheres negras que experienciam de forma mais intensa e aprofundada as desigualdades raciais. Trabalhar com a perspectiva da interseccionalidade de gênero, raça/etnia e classe, nos possibilita aprofundar as análises, entendendo que as mulheres sofrem diferentes opressões.

O modo de produção capitalista em que estamos inseridas (os), é também um sistema de opressões, baseado numa estrutura patriarcal e racista que oprime as mulheres, explorando todas as suas potencialidades inseridas da divisão sexual e racial do trabalho. Apesar da história registrar importantes avanços no tocante aos direitos das mulheres, elas continuam ganhando salários menores que os homens, cumprindo a mesma função. Além disso, acrescentamos às intermitentes jornadas de trabalho que além do trabalho externo, quando chegam em casa, as mulheres ainda são responsáveis pelo trabalho doméstico, cuidando do lar e da família, sem reconhecimento e muito menos remuneração por essas atividades.

Toda sobrecarga atribuída às mulheres, especialmente as negras, ainda somam-se a outros fatores, afetando diretamente a saúde mental delas. Como foi apresentado ao longo do texto, as mulheres são as que mais sofrem com transtornos de ansiedade e depressão, além de se situarem nas maiores taxas de tentativa de homicídio.

Apontamos também que o contexto de pandemia do COVID-19, agravou ainda mais o cenário, intensificando as opressões. As mulheres negras - a maioria empregadas domésticas - continuaram trabalhando fora de casa na pandemia,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

responsáveis pela renda familiar, os homens ficaram em casa. Com isso, elas passaram mais tempo com seus agressores, registrando um aumento nos dados da violência contra as mulheres. Além do adoecimento mental, elas sofrem com a violência física, sexual, psicológica, moral e patrimonial.

Diante do cenário de opressões que as mulheres negras enfrentam ao longo da vida, elas buscam formas de resistência para prevenir e combater as violências. A arte surge nesse contexto, como uma forma de comunicação entre as mulheres, denunciando as violências sofridas no cotidiano. Por meio da música, da dança, do teatro, da poesia e de tantas outras formas artísticas, elas narram as suas escrituras, chegando a outras mulheres que compartilham experiências semelhantes, criando caminhos de reconhecimento e pertencimento, juntas construindo novas narrativas de vida.

O Serviço Social tem na “questão social” o seu objeto de intervenção, atuando no combate e enfrentamento das desigualdades sociais advindas da sociedade capitalista. Além de ser uma profissão majoritariamente feminina, tem a maioria das (os) usuárias (os), mulheres. Com isso, apontamos a necessidade dessas(es) profissionais atuarem na perspectiva da interseccionalidade para intervir na realidade do campo em que está inserida (o) percebendo as questões que atravessam a vida das pessoas, particularmente as mulheres negras e moradoras das periferias, além de outras intersecções que podem atravessá-las.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, CARLA. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro, Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ÁLVARO, Mirla Cisne. **Feminismo, luta de classes e consciência militante feminista no Brasil**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, 2013.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra a Mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2011.

CASOLI, R. Enfrentamento à violência doméstica contra a mulher: o exercício experimental da arte como exercício experimental da liberdade. *Simbiótica. Revista Eletrônica*, Vol.6, N.1, p. (256–274). 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/simbitica.v6i1.27206>. Acesso: 06 jun. 2023.

CISNE, MIRLA. Direitos humanos e violência contra as mulheres: uma luta contra a sociedade patriarcal-racista-capitalista. In: **Serviço Social em Revista**. Londrina, v. 18, n. 1, p. 138-154, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/23588/17726>>. Acesso em 18 de maio. 2023.

DRUMONT, Mary. Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. In: **Perspectivas**, São Paulo, v. 3, 1980. p. 81-85.

EVARISTO, C. A escrevivência serve também para as pessoas pensarem. [entrevista concedida a] Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli, **Itaú Social**, São Paulo, nov./2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>>. Acesso em: 19 abr. 2023.

HIRATA; KERGOAT, Helena, Danièle. Novas configurações para a divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.32, p. 595-609, set/dez. 2007.

IANNI, Octávio. A questão social. **Revista Ciência & Trópico**. Recife, v. 17 n.2, p.189-202, jul./dez., 1989.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **A questão social no capitalismo**. Temporalis, Brasília, ano II, n. 3, 2001. Disponível em:<https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/temporalis_n_3_questao_social-201804131245276705850.pdf>. Acesso em: 18 maio. 2023.

LORDE, AUDRE. Não existe hierarquia de opressão. In: **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. p. 235- 237. Heloisa Buarque de Hollanda (org.) 6. reimp. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MATOS, Rachel Araújo; ALBUQUERQUE, Cynthia Studart de. “Questão Social, divisão sexual do trabalho e saúde mental na pandemia. In: **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.26, n.1, p. 43-53, jan./abr. 2023 ISSN 1982-025.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



NETTO, José Paulo. Cinco notas a propósito da “questão social. **Temporalis**, Brasília, ano 2, n. 3, 2001. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/temporalis_n_3_questao_social-201804131245276705850.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2023.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei; PASSOS, Rachel Gouveia. A DIVISÃO SOCIOSSEXUAL E RACIAL DO TRABALHO NO CENÁRIO DE EPIDEMIA DO COVID-19: considerações a partir de Heleieth Saffioti. In: **Caderno C R H**, Salvador, v. 33, p. 1-9, e020029, 2020. Disponível em: <scielo.br/j/ccrh/a/ZWKHNKp9Jyxmjngm4SFZsRq/?format=pdf > Acesso em: 29 maio 2023.

SAFFIOTI, H.I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA, M. B. R. G. Da. **A poesia como lugar de fala e resistência feminina: análise das trajetórias de mulheres nos coletivos de Slam em Fortaleza**. 2022. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em 2022) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=108211>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

SOF. **O trabalho e a vida de mulheres na pandemia. Relatório pesquisa Sem Parar. Gênero e Número e Sempre Viva Organização Feminista – SOF**. 2020.

PASSOS, Rachel Gouveia. **Trabalho, Gênero e Saúde Mental: Contribuições para a profissionalização do cuidado feminino**. Editora Cortez, 1ª edição. Rio de Janeiro, 2018.

PROMOÇÃO



APOIO

